

3

Autoria compartilhada: Dos Métodos e Técnicas.

Como os painéis são percebidos pela população? Como a mensagem é recebida pelo transeunte? O design dos painéis de empena, tal como é projetado hoje, atende, está adequado e integra-se ao prédio no qual está inserido, no ambiente do bairro e na morfologia da cidade? Qual o futuro do painel de empena na leitura histórica da cidade?

Empenas são as paredes laterais, cegas, de um edifício. Como estão no limite entre dois terrenos, elas não podem ter aberturas, janelas ou basculantes, e supõe-se que poderá surgir, em futuro não muito distante, outra construção no terreno com o qual se limitam. Painéis nas empenas como história podem ter sua origem nas paredes das cavernas do homem pré-histórico. Mas ai, como nos painéis dos renascentistas ou nos murais de Portinari na arquitetura moderna brasileira, são integrados ao espaço e participam da linguagem ambiente ou edilícia, são permanentes e serão no futuro o testemunho físico mais duradouro que a própria sociedade, no dizer de Benévolo (1972) e baseando-se na emergência de qualidades referida por Moles (1969).

...se a psicologia da imagem remonta ao próprio nascimento desta, isto é, ao homem muito antigo que traçou com um pedaço de carvão sobre as paredes da caverna o perfil da sombra projetada por um rosto ou uma forma, a partir da fogueira do acampamento, a psicologia do cartaz, em compensação, que é o assunto em pauta, baseia-se na emergência de qualidades a partir de um processo quantitativo: a difusão em massa de imagens no grupo social. (Moles 1969, p.18).

No Rio de Janeiro, na virada do século, com a revolução no planejamento urbano realizada pelo Prefeito Pereira Passos, foi despertada a atenção do comércio para novas formas de se divulgar e expor os produtos.

A historiadora Cláudia Ricci (2004) em comentário sobre as grandes obras de reurbanização e embelezamento do Rio, realizadas por Pereira Passos em 1904, narra:

É a Belle Epoque do comércio, na qual o delírio das vitrines suscitava as mais diversas fantasias nos transeuntes que se deliciavam com aquelas imagens surpreendentes do luxo e da elegância. O principal contraste entre as antigas formas de comércio e as que acabaram por caracterizar as três primeiras décadas do século XX não estava unicamente na comercialização de artigos importados, mas também, e principalmente, nas novas instalações das lojas e na maneira como os produtos eram vendidos e expostos... Era o tempo do prazer, era o mundo em uma vitrine e a vitrine do mundo. (Ricci 2004, p.135).

Nesta pesquisa, realizando um levantamento de dados de forma abrangente, consultando leis e normas relativas ao uso do espaço público e/ou visível ao público, pesquisando as intenções, as propriedades, o dimensionamento e materiais, procurou-se estabelecer metas para a análise dos tipos, tamanhos e utilização dos painéis de empena em edificações da cidade do Rio de Janeiro, discorrendo sobre a adequação de, hoje, serem eles de exclusiva responsabilidade do explorador comercial dos espaços onde estão afixados, suas interferências e aspectos no tocante ao urbano, à arquitetura e ao design, preocupando-se com a poluição visual e os aspectos relativos a questões de projeção e propriedade autoral.

As disciplinas do curso de mestrado, o direcionamento da orientadora Vera Nojima e suas aulas de metodologia e prática em pesquisa, o seminário sobre Ergonomia da professora Cláudia Montalvão, e da História do Design da professora Edna Cunha Lima e um seminário elegido em História Cultural com a professora Flávia Eyler do Departamento de História, criaram as bases para a plataforma de lançamento e o desenvolvimento da pesquisa.

Através de ampla reportagem fotográfica e observação de campo, pesquisa nos mais diversos autores que discorreram a respeito ou interfacearam o tema, ensaio de visão serial, questionários dirigidos à população e a profissionais das áreas envolvidas (designers, arquitetos, urbanistas, legisladores, historiadores, geógrafos, mantenedores patrimoniais, empresários), foram formuladas hipóteses, identificadas variáveis e definidos objetivos em um contínuo movimento peristáltico que permitisse a ingestão, digestão, realimentação e nova digestão dos ingredientes que constituem e

estruturam o organismo das mensagens urbanas de grande porte. Ao longo de dois anos, sempre com o balizamento seguro da orientadora, o pesquisador enfrentou borrascas de dúvidas, calmarias de autoconfiança, desvios de rotas para ancorar, ao final, em um porto abrangente e intrigante de um tema tão próximo e, ao mesmo tempo, tão distanciado pela cotidianidade e o convívio corriqueiro do cidadão.

A pesquisa sistemática, o direcionamento a um objetivo específico na leitura de autores novos ou a releitura dos já conhecidos, a participação dos professores e dos entrevistados, direta ou indiretamente, através de matérias e abordagens que sempre traziam uma referência e enriquecia o entendimento do tema e sua transversalidade, formatou e esculpiu uma obra multiparticipada que, ao final, posto que mantivesse o mesmo alvo, abriu um horizonte mais amplo e rico de questões que não se esgotam num só relance nem tampouco na data de sua apresentação.

A comunicação, hoje mais do que nunca, é uma necessidade essencial. O tema parece se confirmar como um dos problemas básicos das cidades tal como habitação, educação, transporte, violência, saúde. Ao longo do trabalho, fomos levados a considerações sobre a imagem e o uso do espaço urbano e sua deterioração como decorrência da omissão das autoridades responsáveis pelo estabelecimento de normas e controle de seu cumprimento, favorecendo a nebulosidade do limite entre o público e o privado e a conseqüente indefinição de aspectos relativos aos direitos dos cidadãos e à ética. É oportuno, no entanto, afirmar-se que, se há omissão do poder público há, paralelamente, omissão dos cidadãos na cobrança e no interesse sobre a questão.

Sérgio Magalhães, ex-secretário de habitação do Rio e responsável pelo projeto Favela-Bairro, atualmente consultor do município de Nova Iguaçu – RJ, um de nossos entrevistados (Magalhães 2007, entrevista), acha que conflito sempre houve e sempre há de haver entre os interesses dos participantes do processo urbano. É papel do estado estabelecer leis e normas e administrar esses conflitos. Ao governo é conferida a representação da sociedade como garantidora e ele tem que ter respostas. Se não há questionamento não há a correspondente reação. O estamento burocrático faz a lei sob pressão.

O Rio é diferenciado e único e passa por momento de extrema preocupação para aqueles que nele vivem e que o têm como um bem maior.

Sérgio Magalhães aborda as questões da violência e da deterioração da vida na cidade e, afirma que, ainda não sendo um privilégio do Rio, essas questões são aqui mais graves. O espaço público e o uso que dele faz o carioca

são especiais. As moradias cariocas são limitadas e restritas porque o que interessa aqui é a cidade, o espaço externo, a vida na rua, sua paisagem, seus monumentos naturais – o mar, o Corcovado, o Pão de Açúcar, os Dois Irmãos e a Pedra da Gávea. Pontos cardeais, vistos pelos moradores e usuários desse espaço, eles sim são os mais belos painéis nas empenas virtuais da paisagem. E a população se realiza é no exterior, nas ruas, nos bares de calçada, no espaço aberto. Tudo que perturba esse espaço e seu uso é então muito mais grave no Rio do que em qualquer outra cidade. (Magalhães 2007, entrevista).

A hipótese, então, configurou-se em dois estágios, o primeiro como consequência e dedução, quase um diagnóstico:

- o design dos painéis, inseridos nas empenas das edificações, pode interferir no espaço urbano, no acabamento arquitetônico e no comportamento do usuário, gerando conflito de interesses, embora informe sobre serviços oferecidos ao cidadão, ao prejudicar suas realizações, interferir no seu espaço e, por consequência na sua forma de viver.

E o segundo como prospecção dedutiva, quase um prognóstico:

- a participação interativa dos profissionais de design urbano, arquitetônico, gráfico e de informação no projeto dos painéis inseridos nas empenas das edificações pode favorecer a revitalização da cidade, ao conformá-la ao interesse da coletividade na escala urbana de dimensão, tempo e complexidade.

Nesse quadro foram avaliadas variáveis que de uma forma ou de outra estão envolvidas e devem ser consideradas. Algumas dependentes como o design gráfico, o acabamento arquitetônico, os serviços oferecidos nos painéis e o próprio comportamento dos usuários, observadores que podem se utilizar das informações recebidas dos painéis. Outras independentes, como as próprias empenas, os corredores comerciais onde estão inseridas, as possibilidades de revitalização, o tamanho e dimensões, o tempo e a complexidade de seu uso.

Dessa forma objetivou-se analisar os painéis de empena como partícipes da edificação e como transmissores de uma mensagem no ambiente urbano, avaliando a interdisciplinaridade oriunda do fato de o painel, ao mesmo tempo em que, criado por terceiros, fará parte de um projeto arquitetônico inserido no espaço urbano e a ser recebido pela população da cidade, ou no dizer de Lynch, com o prazer de olhar e usufruir a cidade como extensão de seus moradores.

Três aspectos foram considerados na pesquisa.

Quanto a Interdisciplinaridade, quanto à informação e quanto ao conflito de interesse.

A interdisciplinaridade é decorrência do uso de painéis de empena no ambiente urbano, urbanismo, na interface com as edificações, arquitetura, e considerando-os como objetos autônomos de informação, design.

No aspecto da Informação, considera-se o painel como um “objeto”, procurando criar condições para sua avaliação como design de informação e relativamente à sua recepção pelo público.



Figura 11 – Painel da orla da Lagoa Rodrigo de Freiras, retirado pelo Ministério Público em 2006

E, por fim sob o prisma do conflito de interesses, analisando-o como sujeito aos limites éticos de inferência no comportamento do usuário e cidadão: um elemento introduzido no espaço urbano, superposto ao acabamento arquitetônico, invadindo a privacidade do usuário ou privatizando o bem público, ao transmitir a mensagem e ao interferir no uso pleno de espaços. (Figura 11).